Não Viajarei por Nenhuma Espanha

Marcus Vinicius Quiroga

Colecção
Comunidades
Portuguesas

Poesia

COLEÇÃO COMUNIDADES PORTUGUESAS

A Coleção Comunidades Portuguesas pretende trazer a público testemunhos, documentos, ensaios e obras de criação literária respeitantes aos portugueses que vivem, trabalham e criam fora de Portugal. Com esta coleção, iniciativa conjunta do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, quer dar-se visibilidade e voz às nossas comunidades residentes no estrangeiro.

PRÉMIO IMPRENSA NACIONAL/FERREIRA DE CASTRO

O Prémio Imprensa Nacional/Ferreira de Castro, além de homenagear a figura incontornável e exemplar de Ferreira de Castro, pretende reforçar os vínculos de pertença à língua e cultura portuguesas, bem como estimular a participação de portugueses residentes no estrangeiro e lusodescendentes, prestando, assim, às comunidades portuguesas dispersas pelo mundo o justo reconhecimento pelas atividades que desenvolvem nos seus países de acolhimento.

Criado pela Imprensa Nacional em parceria com o Ministério dos Negócios Estrangeiros, o Prémio Imprensa Nacional/Ferreira de Castro dá continuidade à missão da editora pública de promoção e preservação do património da língua e da cultura portuguesas.

O galardão tem uma periodicidade anual e distingue trabalhos inéditos nas áreas de Ficção e Poesia.

Coleção Comunidades Portuguesas

PRÉMIO IMPRENSA NACIONAL FERREIRA DE CASTRO

Não Viajarei por Nenhuma Espanha

Marcus Vinicius Quiroga

Coleção
Comunidades
Portuguesas

PRÉMIO
IMPRENSA
NACIONAL
FERREIRA
DE CASTRO

Poesia

Imprensa Nacional é a marca editorial da INCM

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa
www.incm.pt
www.imprensanacional.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

© Marcus Vinicius Quiroga e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

TÍTULO: Não Viajarei por Nenhuma Espanha
AUTOR: Marcus Vinicius Quiroga
EDIÇÃO: Paula Mendes
CONCEÇÃO GRÁFICA: Undo
CAPA: Estúdio João Campos
REVISÃO DO TEXTO: Mário Azevedo
PAPÉIS: Materica Limestone, 250 g (capa); Arena Smooth Natural 90 g (miolo)
TIPOS DE LETRA: Elena (@Nicole Dotin) e Cako (@Jérémy Schneider)

1.ª edição: março de 2021
ISBN: 978-972-27-2886-7
Depósito legal: 473602/20
Edição n.º: 1024429

SUMÁRIO

I – OS EXÍLIOS DE CERVANTES EM 20 QUADROS

II – GALERIA EL GRECO

Anunciação 35
Vista aérea de Toledo 36
O sonho de El Greco II 37
Visitação ao museu 38
O enterro de Domenikos Theotokopoulos 39

III – OS ESPELHOS DE BERNARDA ALBA

Alba e os bordados. 43
A propósito de Adela 45
Aposentos 46
Criadas. 47
O espelho 48
Solar 50
Canção gitana 51
Mulher de negro. 52
Dobre de sinos 53
Maria dos martírios 54
Após a janta 55
Prescrição 56
Mantilha sobre os ombros 57
Linha e agulha 58
Lenço sobre o morto 59
Aves de rapina 60
Línguas 61
Leque 62

Partilha 63
Nada 64
Aquela 65
Presságios 66
Atrás das paredes 67
Repertório 68
Cólera de Alba 69

IV – TRIBUTO A BUÑUEL

Los olvidados 73
Nazareno 75
El ángel exterminador 76
Ensaio de um crime 78
A ilusão viaja de bonde 80

V – MOSAICO

Autoexílio 83
O desertor 84
García Lorca 85
Aquela luz de Velázquez 86
Clandestino 87
La mala fortuna 88
Não passarão 89
Nem isto 91
Estupefato 92
Visto de permanência 93
A peste 94
Certas questões 95
Os expatriados 96
A inquisição 97
Extravios 98
Ordens médicas 99
O que se evade 100

VI – CERVANTES, SEGUNDA PARTE

A mão esquerda de Cervantes 103
Argel 105
Restauração de Cervantes. 106
Mediterrâneo. 107
A mão esquerda n.º 2 108
Manuscrito no mercado de Toledo 109
As mortes de Cervantes 110
Outras ocupações 111
Os dois opostos juntos 112
Matéria-prima 113
O exílio de não escrever 114

1

Em máscaras se esconde o tal Cervantes
e usa uma língua tão diversa e doida
— parece não dizer coisa com coisa,
como se fosse de uma longe Espanha.
Traz no bolso metáforas e flores
para oferecer a quem for de gosto,
embora o tomem por desenho tosco
de cavaleiro andante, cujas escolhas
sempre caem por terra, despropósitos.

Será que ele se veste qual Quixote
para enganar a todos que o afrontam
ou faz de conta que pertence a ontem,
a outro tempo que é feito de memória?
Tanto faz se este é o seu destino,
mas decerto não sabe o que por sorte
lhe cabe. Nem os moinhos que degola
o tiram da ficção e seus abismos.
Tudo que escapa a ele lhe retorna.

2

Não há como fugir de ser Cervantes.
Por mais que desempenhe outros papéis
ou que se entregue ao jogo do és-não-és,
terá o coração de saltimbanco
e a embriaguez de todo poeta.
Fará também façanhas de soldado,
terá tantas feições em seu retrato

que a vida lhe será sempre incompleta.
Será o acaso na face de um dado:

jamais evita o jogo, nem as cartas;
muito lhe apraz andar na corda bamba;
frequenta todo tipo de bar, de antro,
convive com ladrões, malandros, párias
e, dentro da cela, com toda a escória.
Quem o vê o olha com desprezo, escárnio,
como um cão sujo com doença, sarna,
ou seja: em sua vida não se aposta.
É quase um vagabundo, borra bosta.

3

O que for dito dele ainda é pouco.
Há muitas sombras, há muitos hiatos,
que Cervantes de si mesmo se escapa,
como se o tempo todo fosse um outro.
Daí pensarem que ele é um estranho,
não um poeta ao gosto dos teatros,
um que as plateias tenham como agrado
e que faça chorar, rir qualquer sancho,
mas um bizarro, um que foge ao alcance.

O que se sabe dele é quase nada:
como não se propôs a biografias,
quem quiser que, entre duas datas, diga
o que é sua vida, seu retábulo
de maravilhas como de misérias.
Quem puder que, em papéis, escreva em sangue

as diversas histórias de Cervantes,
desde a prisão em terras lá da Argélia
até as prisões no tempo, durante.

4

Ele consigo mesmo não coincide,
no entanto dele próprio se extravia:
ora encontra-se longe e mal é visto,
ora por todo canto é quase mito.
Dizem histórias da triste figura,
dizem lendas de tão inverossímeis:
por pouco não morreu doente, à míngua,
ou dentro das prisões nas mãos de brutos,
ou em hospícios já se fez recluso.

De si mesmo ele só se desavém,
faz tudo do que diz sempre ao contrário:
para muitos parece um espantalho,
mas como um cavaleiro se apresenta.
Tem por modelo El Cid, Amadis,
entretanto se porta feito um doido.
Em busca de aventuras tão afoito
sequer de cavaleiro é aprendiz:
só tem insensatez, só tem arrojo.

5

Seria de Cervantes *alter ego*
o que atende por nome de A. Quijana

ou seria o Quixote, cuja fama
se espalha pelas páginas de séculos?
Se um do outro já parece ser o duplo,
que dirá do autor, em jogo de espelhos,
a se desdobrar, com tal destempero,
pelas múltiplas máscaras do ludo
no desejo de ser um, ser inteiro?

Ele seria fruto de ficção
por ter lido histórias de cruzadas?
Ou isto é artifício só usado
para explicar Quixote e a obsessão?
Quem sabe se Cervantes sequer passe
de homem alucinado que, em seu texto,
em vários personagens se refez
e se escondeu visível nas mil faces,
sendo objeto e também sendo sujeito?

6

Dedicou sua vida, em parte, às armas;
fez-se soldado, sem mais honrarias;
enfrentou ameaças, medos, riscos
e na linha de frente, na vanguarda,
olhou de perto a morte, a face rígida.
Como sequela, a mão tornou-se inútil,
mas com a outra usou adaga e espada,
sem ter êxito, pois detrás das grades
passou bastante tempo de infortúnio.

Dedicou sua vida, em parte, às letras
e escreveu apesar do mundo inóspito,
que às vezes o tratou como escória
sem reconhecer seu talento e mérito
para obra de ficção posta no texto.
Morreu sem saber que a visão de mundo
existente na ação dos personagens
mostrou que a letra é também uma arma
que penetra na carne até o fundo.

7

Havia no país marionetes
com fios invisíveis a elas presos
e outros, uns poucos, donos dos desejos
moviam-nos como em feira ou quermesse,
para entretenimento do desprezo.
Riam dos passos sem ter equilíbrio
e das quedas seguidas no teatro,
imitando, assim, no pequeno palco
as quedas sérias que ocorrem na vida.

Quem ria de Quixote não sabia
que ria de si mesmo e, feito títere,
exibia mecânico o seu riso.
O que a arte mostrava em fantasia
espelhava o que de fato existia.
Nas páginas do livro era brinquedo
ou, para dizer mais exato, sátira,
crítica ao comodismo, ao simples hábito
de não dizer sim à vida por medo.

Marcus Vinicius Quiroga foi contista, crítico, ensaísta e, principalmente, poeta. Professor, formado em Letras, com mestrado em Comunicação e doutoramento em Literatura Brasileira e em Comunicação, colaborou em ensaios e resenhas no *Jornal do Brasil*, nas revistas da Academia Brasileira de Letras e da União Brasileira de Escritores. Membro da Academia Carioca de Letras e do PEN Club, publicou vinte e seis livros de poesia, obtendo com eles inúmeros prémios de grande importância e reconhecimento no cenário literário brasileiro. Em 2019, recebeu o Prémio Imprensa Nacional/Ferreira de Castro, em Portugal.

Não Viajarei por Nenhuma Espanha é, nas palavras do júri do Prémio Imprensa Nacional/Ferreira de Castro, «um conjunto de poemas congraçados por manifesta unidade temática e estilística, plasmando, desse modo, o que se reconhece como a apreciável maturidade poética do autor. Junta-se a isto a fina sensibilidade do poeta que, fazendo dialogar a poesia com outras artes, constrói um macrotexto com notável riqueza cultural, expresso com rigor formal e cultivando metros com tradição consolidada», que assim fundamentou a escolha desta obra na 1.ª edição do prémio.

BRASIL

PORTUGAL

9 789722 728812

REPÚBLICA PORTUGUESA
GABINETE DA SECRETÁRIA DE ESTADO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

COMUNIDADES PORTUGUESAS

IMPRENSA NACIONAL